



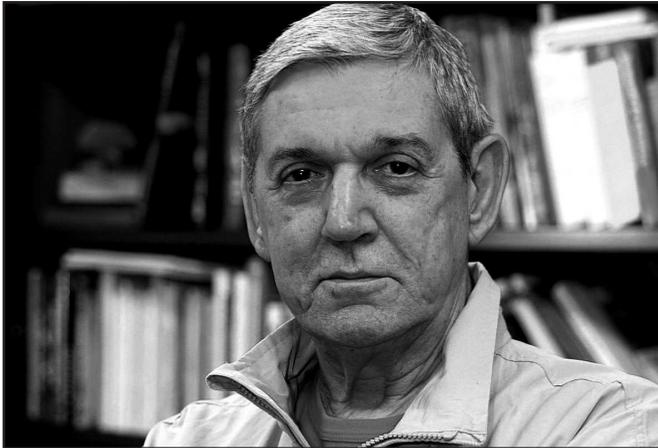
CADERNOS PELA DEMOCRACIA - 1

**“Temos em 2016 uma
resistência democrática pela
legalidade absolutamente
Inédita no Brasil”**

**WANDERLEY GUILHERME
DOS SANTOS**

Uma síntese, comentada, dos artigos do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos sobre a crise política brasileira e o golpe político-parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff

Marília ^{PT} Campos
Deputada Estadual



“Nenhuma geração no Brasil republicano se livrou das intervenções autoritárias, civil ou militar. Mas, agora em 2016, estamos tendo uma resistência democrática pela legalidade absolutamente inédita no Brasil”

WANDERLEY GUILHERME DOS SANTOS,
nosso maior cientista político.

1-APRESENTAÇÃO

Wanderley Guilherme dos Santos, 80 anos, é um cientista político, autor de vários livros e artigos na área de Ciências Sociais. Notabilizou-se a partir do texto “Quem Vai Dar o Golpe no Brasil” - que prenunciou o golpe de Estado e a possível derrubada do presidente Goulart em 1964 e se tornou referência bibliográfica nos meios acadêmicos. No início da crise política atual, Wanderley Guilherme, 80 anos, se manteve relativamente distante. Mas nos últimos meses, o cientista político, passou a divulgar no seu blog “Segunda Opinião”, textos curtos de poucos parágrafos, mas de enorme densidade política.

O Mandato Marília Campos (PT/MG) inicia a publicação dos Cadernos Pela Democracia, com uma síntese dos artigos do cientista político Wanderley Guilherme dos

Santos. Dividimos o Caderno em 15 itens, sem sequência cronológica, priorizando as questões mais atuais e todos os textos são anteriores ao afastamento de Dilma, não refletem, portanto, as novas análises do cientista político. Em alguns itens citamos outros autores e fizemos comentários para enriquecer as reflexões políticas. Fica claro ao longo dos textos, que Wanderley Guilherme faz inflexões em suas análises ao longo dos últimos meses e assume claramente a posição de militância política contra o golpe político-parlamentar contra Dilma Rousseff.

1-1-QUATRO REFLEXÕES DE WANDERLEY GUILHERME INTERVENÇÕES AUTORITÁRIAS NO BRASIL: Wanderley Guilherme dos Santos faz uma constatação dramática: “Ainda não coube à minha geração interromper o padrão que, desde Deodoro da Fonseca e seu espirro ditatorial, impediu que sequer uma geração republicana se livrasse das intervenções autoritárias, civil ou militar”.

RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA EM 2016 É INÉDITA NO BRASIL. O cientista político ressalta, no entanto, que a resistência democrática pela legalidade que temos no Brasil em 2016 é absolutamente inédita na história do Brasil. Sobre o impeachment votado na Câmara Federal e no Senado, ele afirma: “É notório que a adesão das camadas economicamente vulneráveis da população a Dilma, a Lula e aos partidos de esquerda não está refletida nesse resultado. Ele reflete ainda menos a opinião ilustrada do País, não só de petistas, mas de cidadãos e cidadãos que entendem não haver justificativa jurídica para a adoção de medida tão radical”. (...) Comparando 2016 com 1964, Wanderley Guilherme afirma: “Agora, a situação do Brasil é muito diferente. Como está se vendo, você não é capaz de dar um golpe apenas numa situação política-jurídica. O golpe tem que ser social. E esse é mais difícil, mesmo quando se tem sucesso (e vai ter). Isto, do ponto de vista social, vai continuar sendo contestado; e do ponto de vista político, mas dentro do jogo democrático, só vai se resolver em 2018. Porque agora é uma solução de força de maioria, obviamente violenta, constitucionalmente violenta, com parte considerável de uma aparência de legalidade. Até 2018, não sabemos o que vai se passar, porque socialmente o golpe não foi dado e vai ser contestado. O que está acontecendo é que uma enorme extensão da sociedade não está reconhecendo a legitimidade, a legalidade desse processo político”. Em um de seus artigos, Wanderley Guilherme escreveu: “O impedimento venceu; o golpe foi derrotado”.

OS GOLPISTAS ESTÃO SUBESTIMANDO O QUE VEM PELA FRENTE.

Wanderley Guilherme afirma: “Se nós observarmos bem, na minha opinião, existe hoje no país um estado de sublevação pela legalidade. Em vários estados do país tem um movimento espontâneo de passeatas”. (...) “Um denominador comum entre todos os participantes desses eventos é a defesa da legalidade. Não à toa que é a legalidade, porque dela já estamos saindo”. (...) “Então, a situação é nova no Brasil, com alguma repercussão ou similaridade com outros no exterior, mas não quero fazer comparações. No Brasil, isso é absolutamente inédito, por consequência, você não tem modelos anteriores pra imaginar mais ou menos como vão ser as coisas ou como vai se tomar forma disso. Está se tomando forma na medida em que o processo se desenvolve. Eu tenho impressão que as forças políticas que estão dando continuidade a esse golpe não fazem ideia do que estão iniciando e que não terão condições de administrar, exceto por uma taxa elevada de coação. E não há democracia que aguarde uma taxa de coação sem limite”. (...) “Se o que se esboça nas ruas, estradas, universidades e prédios públicos, se transformar de fato em sublevação civil pela legalidade democrática, desta vez o usufruto da usurpação de poder não terá gosto tão doce quanto o de um pirulito infantil dos golpes anteriores”. (...) Falando como militante político, Wanderley afirma: “Não há salvação: Michel Temer é um usurpador e seu governo não deve ser obedecido. Não deve e não o será. O golpe fracassou socialmente e o usurpador só governará mediante violência física, repressão sem disfarce. Ou a sublevação social pela democracia é submetida pela força (e aí o golpe, finalmente, será vitorioso), ou a coerção servirá de combustível à sublevação”.

UM WANDERLEY GUILHERME MAIS CÉTICO. No seu artigo antes da redação deste Caderno - “A xepa do golpe” – Wanderley Guilherme, alternando o “otimismo da razão e o pessimismo da vontade”, descreve uma situação mais pessimista com a resistência democrática ao golpe. Diz ele: “Consumado o golpe, aparecem os teóricos do golpe consumado; como de hábito, culpando as vítimas. Mas essa não é a única xepa servida e por servir na feira do adesismo. Por razões de caráter, desespero ou tentativa de reduzir o estrago, as fileiras da resistência democrática emagrecerão”. (...) “Os resistentes à usurpação são, desde já, tidos por sublevados e subversivos. Mas os xepeiros, calados estão, calados continuarão, apenas observando a generosidade com que a ‘lei’ desaba sobre o País”.

1-2- SEIS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA ATUAL

A MAIOR GUINADA À DIREITA DESDE 1964. Bernardo de Mello Franco, colunista da Folha, escreveu: “A posse de Michel Temer deve marcar a mais brusca guinada ideológica na Presidência da República desde que o marechal Castello Branco vestiu a faixa, em abril de 1964. Após 13 anos de governos reformistas do PT, o país passa ao comando de uma aliança com discurso liberal na economia e conservador em todo o resto. O eleitor não foi consultado sobre as mudanças”. Isto poderá levar a consolidação de um campo progressista no Brasil igual ou mais ampliado do que aquele que tivemos na luta contra o impeachment. Como disse Chico Samarino, professor de história e apoiador de nosso Mandato: “Aprendi nos últimos dias que ser golpista sem a ajuda das forças armadas é bem mais difícil do que parece”.

HIPOCRISIA E POPULISMO EM TORNO DO TEMA CORRUPÇÃO. Não é preciso relembrar aqui a enorme hipocrisia e populismo em torno do tema corrupção no Brasil e isso poderá cobrar um enorme preço das forças golpistas. Hipocrisia, porque trata-se não de um combate à corrupção, mas de um combate seletivo ao PT e demais forças de esquerda e isso ficou claro com inacreditável rapidez logo após a posse do golpista Michel Temer. E o populismo foi transformar a corrupção no único problema estratégico do Brasil e o afastamento do PT do governo como solução para todos os “males”. (...) O articulista Vinicius Mota, secretário de redação da Folha de S. Paulo (pró-oposição), diz que quem apoia o impeachment terá fortes decepções: “O volumoso conjunto de brasileiros que sai à rua a pedir o fim do governo Dilma tem um encontro marcado com a decepção. A manifestantes da avenida Paulista recomenda-se iniciação na arte de engolir patos amarelos. O símbolo contra a alta de tributos escolhido pela Fiesp começará a murchar já na posse do novo governo. Não há hipótese de saída organizada, anti-inflacionária, desta crise sem a elevação emergencial da arrecadação dos governos, a prolongar-se no mínimo até o final da década”. (Folha, 28/03/2016). (...) Samuel Pessoa, economista ultraliberal, jogou um balde de água fria naqueles que pensam que o único problema brasileiro é a corrupção. Ele afirmou sobre as manifestações da oposição: “As ruas pensam que nossos problemas estruturais se resumem à corrupção, que teria atingido valores extraordinários com o petismo. A troca no Planalto faria aparecer recursos vultosos no caixa do Tesouro, tornando possível uma solução para nossa crise fiscal. Os fatos vindos a público pela Operação Lava

Jato somente reforçam esse diagnóstico. As ruas estão erradas”. (Folha de S.Paulo, 20/03/2016). Como se vê, a hipocrisia e o populismo em torno da questão da corrupção pode custar um alto preço para as forças golpistas. Factoides, como a redução do número de Ministérios, sempre defendida pelas forças de direita para arrumar as finanças públicas, não passam disso: factoides.

PROGRAMA DE GOVERNO ULTRALIBERAL PODERÁ GERAR UM CHOQUE NA POPULAÇÃO.

A presidenta Dilma Rousseff pagou um enorme preço, em termos de popularidade e apoio social, por ter rompido com seus compromissos de campanha e adotado proposta de restrição e cortes aos direitos sociais, como nos casos das pensões, seguro desemprego e abono salarial. Estes cortes são pontuais em relação ao que propõe o golpista Michel Temer em seu programa de governo “Uma ponte para o futuro”. Dilma se desgastou com seus cortes, é de esperar que as propostas de Temer tenham um efeito profundamente negativo também em sua popularidade e na sua sustentação no governo. Este programa é incompatível com a democracia, como reconhece o próprio PMDB. Roberto Brant, assessor de Temer, confessou: “Esse documento de Temer – Uma ponte para o futuro - não foi feito para enfrentar o voto popular. Com um programa desses não se vai para uma eleição”. A articulista do jornal Valor Econômico, Maria Cristina Fernandes disse: “O PMDB viabilizou sua costura de gabinete pró-impeachment com o argumento de que as mudanças a serem feitas no país, por duras, só poderiam ser capitaneadas por um governo não eleito”. Para a oposição impeachment é um meio; o fim é um programa ultraliberal de cortes radicais nos direitos do povo. O impeachment é, portanto, uma tentativa de impor um enorme “estelionato político” ao povo brasileiro, com a consolidação de uma “democracia relativa”. Não terão que se submeter às urnas para aprovar o corte nos direitos do povo; o presidente que irá implementá-lo será alçado através de um golpe político-parlamentar”.

O programa dos golpistas, expresso nos documentos “Uma ponte para o futuro” e “Respostas à altura da crise”, pode ser resumido assim: a) fim da CLT, com o “negociado” se sobrepondo ao “legislado”; b) fim da estabilidade no emprego dos servidores públicos; c) aposentadoria aos 65 anos para homens e mulheres, professores e demais trabalhadores; d) fim do salário mínimo como piso dos benefícios previdenciários e outros benefícios sociais; e) fim dos reajustes anuais dos benefícios previdenciários e demais benefícios sociais; f) fim das vinculações

de recursos para saúde e educação e adoção do orçamento base zero, ou seja, sem quaisquer vinculações constitucionais; g) privatização de todas as empresas estatais, com revisão do capítulo da ordem econômica da Constituição Federal e de toda a infraestrutura da economia; h) arrocho dos gastos públicos por tempo indeterminado, com superávit primário de até 3% do PIB, estabelecimento de um teto para a dívida bruta federal; e manutenção dos juros em taxas elevadas. Outras propostas já cogitadas por Temer: revisão da universalização da saúde; cobrança de mensalidades nas universidades federais; cortes no Bolsa Família e no Minha Casa Minha Vida. Em todos os textos não existe nenhuma proposta de implique algum sacrifício para os ricos. O cientista político José Luís Fiori alerta para a gigantesca insensatez da oposição, “ao supor que seu projeto golpista e ultraliberal não encontrará resistência, e no limite, não provocará uma rebelião ou enfrentamento civil, de grandes proporções, como nunca houve antes no Brasil”.

A CLASSE C PODERÁ SE REAPROXIMAR DA ESQUERDA. Renato Meirelles, do Instituto Data Popular, é um dos maiores especialistas brasileiros no estudo da chamada Classe C ou nova classe trabalhadora. Este segmento social se afastou da presidenta Dilma e compôs junto com a classe média tradicional a ampla base de rejeição à presidenta. No entanto, a classe C, mesmo desgostosa com Dilma, manteve-se numa posição silenciosa e não aderiu às manifestações pelo impeachment da presidenta. E por que não aderiu? Renato Meireles explica que isto aconteceu porque a rejeição da classe média tradicional a Dilma foi porque ela quer menos Estado e menos impostos; já a Classe C quer mais Estado e mais direitos, projeto que foi interrompido no segundo mandato de Dilma. Renato explica este fato: “Existe uma dificuldade de alguns agentes políticos entenderem as diferenças dos 80% da população que avaliam o governo como ruim ou péssimo. Desses, 36% não gostam da Dilma e também não gostam do Prouni, do Fies, do Mais Médicos, das cotas nas universidades, ou seja, de um conjunto de políticas públicas que fizeram na última década o Brasil viver um processo de redução da desigualdade”. (...) “Se 36% odeiam a Dilma e tudo o mais, 44% dos brasileiros que estão insatisfeitos com a Dilma avaliam mal o governo justamente porque ele não ampliou o Fies, o Prouni, não promoveu aumento real do salário mínimo, não cumpriu promessas de campanha, de redução de desigualdade que, no limite, fizeram Dilma ganhar a última eleição presidencial”. Se esta análise estiver correta, é provável que segmentos expressivos da classe C se coloquem em oposição ao golpista Temer e reaproximem das forças de esquerda, podendo ou não serem

mobilizados para os atos contra os golpistas.

TEMER SOFRE UM ENORME ISOLAMENTO INTERNACIONAL. O ministro interino das Relações Exteriores, José Serra, iniciou sua gestão com uma dura posição em relação aos países latino-americanos que repeliram o impeachment de Dilma: Cuba, Venezuela, Equador, Bolívia, Uruguai, Nicarágua. Tratou-se de dar um chega pra lá nos chamados países bolivarianos. Mas a situação dos golpistas é muito complicada do ponto de vista internacional. Brasileiros que vivem em outros países, artistas, políticos e intelectuais de todo o mundo criticaram o golpe. Os principais jornais, TVs e revistas do mundo, dos Estados Unidos, França, Inglaterra, Espanha, Alemanha, em seus noticiários, colunas de articulistas e até em editoriais também caracterizaram como golpe o que está acontecendo no Brasil. Isto colocou a grande mídia brasileira e o golpista Temer em uma enorme saia justa. Portanto, derrotar o golpe no Brasil é contribuir com a democracia em todo o planeta, não deixando que o golpe político-parlamentar daqui sirva como exemplo para outros países.

QUE PALAVRA DE ORDEM VAI MANTER OS PROGRESSISTAS UNIDOS. A questão mais complexa do momento é a definição de qual bandeira manterá os progressistas unidos na perspectiva do crescimento da resistência democrática pela legalidade no país. O cientista político Aldo Fornazieri aponta um caminho de como estabelecer um eixo comum, mantendo-se as particularidades de cada movimento: "Afastada Dilma da presidência da República, as esquerdas vêm dando sinais de desorientação e de falta de comando. Se é verdade que cada partido, cada movimento, cada organização tem suas pautas específicas, é preciso uma palavra de ordem que mantenha os progressistas, os democratas, os republicanos, as esquerdas e os movimentos sociais e populares unidos. O que esses partidos e movimentos defenderam e sustentam é que o governo Temer é fruto de um golpe e que se trata de um governo ilegítimo. Ora, se esta é a verdade, não resta outra saída a não ser organizar um grande movimento político e social, uma grande frente, em torno da palavra de ordem 'fora Temer'. Esta é a palavra de ordem da unidade. Para além disso, cabe a cada partido e a cada organização defender sua visão específica: diretas já, volta de Dilma, Constituinte, plebiscito etc". (Jornal GGN, 16/05/2016).

2-TODAS AS GERAÇÕES REPUBLICANAS CONVIVERAM COM GOLPES, CIVIS OU MILITARES

“Ainda não coube à minha geração interromper o padrão que, desde Deodoro da Fonseca e seu espirito ditatorial, impediu que sequer uma geração republicana se livrasse das intervenções autoritárias, civil ou militar. De Deodoro segue-se a geração nascida com a República, chegando, aos 31 anos, a Artur Bernardes, que governou o país sob um estado de sítio e repressão aos movimentos reivindicatórios operários, de 1922 a 1926. A turma de brasileiros que escapou ao sítio de Bernardes, por acaso de nascimento, passará, porém, boa parte de sua vida adulta em regime getulista que, se ditadura explícita só de 1937 a 1945, nunca esteve constitucionalmente constrangido desde a revolução de outubro de 30. A geração de 45 não herdou melhor sorte, forçada a suportar o miasma ditatorial consagrado como revolução redentora pelo jornalismo de DNA pervertido, legisladores prostitutos, tribunais de rabo entre as pernas e intelectuais a frete, de 1964 a 1985”. (...) “Se o que se esboça nas ruas, estradas, universidades e prédios públicos, se transformar de fato em sublevação civil pela legalidade democrática, desta vez o usufruto da usurpação de poder não terá gosto tão doce quanto o de um pirulito infantil dos golpes anteriores”. (Segunda Opinião, 02/05/2016).

3-A VOTAÇÃO DO IMPEACHMENT NA CÂMARA: O RETRATO DESTALEGSLATURA INDICA QUE, PARA ESSA MAIORIA, A ORDEM JURÍDICA É IRRELEVANTE

“Foi uma derrota sem disfarce, somatório de rancores regionais, pessoais, manipulações, traições, intimidações, oportunismos, provavelmente compra de votos e até votos de boa fé. Mais de um jovem deputado, inocente das artimanhas de veteranas e comprometidas figuras, iludiu-se com a hipótese de que na votação se jogava a independência do Legislativo. De comum aos 367 votos só a vontade de expelir do poder a presidente Dilma Rousseff, o ex-presidente Lula e o Partido dos Trabalhadores. É notório que a adesão das camadas economicamente vulneráveis da população a Dilma, a Lula e aos partidos de esquerda não está refletida nesse

resultado. Ele reflete ainda menos a opinião ilustrada do País, não só de petistas, mas de cidadãos e cidadãs que entendem não haver justificativa jurídica para a adoção de medida tão radical, mesmo diante de desvios administrativos, o que, de resto, foi consistentemente demonstrado falso pela Advocacia Geral da União". (...) "Membros do PMDB e do PP, que são os partidos com o maior número de ex-deputados, ex-senadores e atuais parlamentares indiciados em processos criminais da Lava Jato e do Supremo Tribunal Federal, ofereciam a Deus, suas famílias e amigos, o sacrifício do voto contra enorme lista de delitos imputados a Dilma Rousseff (chamada de "ladra" por um demente), a Lula e ao PT, entre os quais não se incluía o objeto do relatório, a saber, violações do orçamento da República por motivo torpe. O retrato dessa Legislatura indica que, para essa maioria, a ordem jurídica é irrelevante, os fatos são irrelevantes, o eleitorado que elegeu a presidente da República é irrelevante. Estão certos de que, pelos votos que receberam e pela figura constitucional da autonomia do Legislativo, tudo podem. São ideologicamente cobertos não só por juristas desde sempre faxineiros de ditaduras, mas também por profissionais de reta conduta a torturar argumentos cristalinamente falsos". (...) "O desastre para a democracia não é o cancelamento da vontade popular por motivo fútil. O assustador será a consagração do precedente de que qualquer maioria legislativa pode aprovar o que bem entender na interpretação da Carta maior. Esse abismo, cavado na votação de domingo, 17/4/2016, se mede pelo vazio instalado entre o discurso de ódio de parlamentares e o afago que recebem de constitucionalistas comprometidos por condição de classe, por dinheiro, por notoriedade e por fama. Uma ordem política daí nascida só se sustentará pelo medo e pela coação física ou moral. O processo continua". (Segunda Opinião, 18/04/2016).

4-TEM DIFERENÇAS DO GOLPE MILITAR DE 1964 E O GOLPE POLÍTICO-PARLAMENTAR DE 2016. AGORA O GOLPE SOCIAL NÃO FOI DADO

"Olha, tem pelo menos duas diferenças cruciais. Uma que 64 foi um acerto resolvido entre os militares. Havia uma disputa extremamente polarizada das forças políticas, mas quem decidiu mesmo foram as forças militares. Isso não é o caso hoje. Hoje não há clima, cultivo, semente de que esse venha a ser o caso. Agora, a outra diferença é que, embora alguns comentaristas digam que isso se trata de

uma divergência entre elites, naquela época é que foi, quando a população não se mobilizou nem contra nem a favor. Foi decidido entre os militares e as correntes políticas. Não havia capacidade de nenhuma instituição política, nenhuma das legendas que se apresentavam como representante de algum setor (tanto esquerda quanto direita) de mobilizar ninguém. Não tinham capacidade de mobilização. Agora, a situação do Brasil é muito diferente. Como está se vendo, você não é capaz de dar um golpe apenas numa situação política-jurídica. O golpe tem que ser social. E esse é mais difícil, mesmo quando se tem sucesso (e vai ter). Isto, do ponto de vista social, vai continuar sendo contestado; e do ponto de vista político, mas dentro do jogo democrático, só vai se resolver em 2018. Porque agora é uma solução de força de maioria, obviamente violenta, constitucionalmente violenta, com parte considerável de uma aparência de legalidade. Até 2018, não sabemos o que vai se passar, porque socialmente o golpe não foi dado e vai ser contestado". (...) "Há uma aceitação por parte da população que, ainda que em discordância com os números da política, obedece, porque reconhece que faz parte do jogo. O que está acontecendo é que uma enorme extensão da sociedade não está reconhecendo a legitimidade, a legalidade desse processo político". (Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

5-A RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA PELA LEGALIDADE QUE TEMOS ATUALMENTE É ABSOLUTAMENTE INÉDITA NO BRASIL

"Se nós observarmos bem, na minha opinião, existe hoje no país um estado de sublevação pela legalidade. Em vários estados do país tem um movimento espontâneo de passeatas. A possibilidade de que isso venha a ter uma ou duas coordenações é bastante elevada. Hoje tem a coordenação de dois ou três movimentos (sem terras, sem teto) e você tendo isso com dois comitês de coordenação, você tem um estado deflagrado de sublevação pela legalidade. Um denominador comum entre todos os participantes desses eventos é a defesa da legalidade. Não à toa que é a legalidade, porque dela já estamos saindo". (...) "Então, a situação é nova no Brasil, com alguma repercussão ou similaridade com outros no exterior, mas não quero fazer comparações. No Brasil, isso é absolutamente inédito, por consequência, você não tem modelos anteriores pra imaginar mais ou menos como vão ser as coisas ou como vai se tomar forma disso. Está se tomando forma

na medida em que o processo se desenvolve. Eu tenho impressão que as forças políticas que estão dando continuidade a esse golpe não fazem ideia do que estão iniciando e que não terão condições de administrar, exceto por uma taxa elevada de coação. E não há democracia que aguarde uma taxa de coação sem limite". (...) "Por isso que eu mencionei 2018 anteriormente. Porque eu não sei o que vai acontecer até lá. Serão dois anos de um governo que enfrenta uma sublevação social pela legalidade e na medida em que ele reprimir, ele vai se mostrar cada vez mais ilegal e conseqüentemente vai alimentar a sublevação. Todos os sócios econômicos, sociais e políticos desse evento que pareceu tão fácil, parecem achar que está tudo resolvido. E não está. Então, com o fim do processo de impedimento, o afastamento da Dilma, vai abrir um processo do qual eles não têm controle e nós também não. Todos os ramos dos legalistas, neste momento, também não têm controle. Então, o futuro imediato faz emergir muita incerteza". (Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

6-PARA WANDERLEY GUILHERME, O CAMPO PROGRESSISTA VAI GANHAR DE NOVO AS ELEIÇÕES DE 2018

"No momento em que o Supremo Tribunal Federal, daqui a seis meses, empossar o vice-presidente a presidente da República, no ano seguinte ele começa a perder. Ele e todos os conservadores. Aí o tempo passa a correr a nosso favor. Eles não têm como resolver esses problemas criados por uma circunstância de etapa do capitalismo financeiro. Não adianta dizer que foram medidas equivocadas da presidente Dilma Rousseff, isso não está em questão". (...) "A questão é se inexistem formas de resolver essas questões de uma maneira indolor. Como a bandeira deles é resultado estritamente de incompetência do governo, no minuto seguinte, se não começa a resolver, já começa a perder. Como isso já está ficando claro, o desencanto e o desagrado já está se fazendo, porque a resolução se chama Romero Jucá, Moreira Franco, Eliseu Padilha, todos que já foram do governo Dilma e agora são traidores, porque saíram sem falar nada, foram conspirar. Esse é o governo de novas ideias. E não é só isso, eles não têm projeto. Todos os países que têm histórico de tomada de poder, vieram com uma taxa de inflação elevada. De modo que eles só vão perder até 2018. Eu estou absolutamente convencido de que eles vão

perder de novo em 2018. E aí eu me pergunto: e se no dia seguinte à derrota, de novo, eles levantarem a bandeira do impedimento? Vamos ficar para sempre nessa brincadeira?”.(Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

7-ELEIÇÕES JÁ SERIAM PERDER A BANDEIRA DA LEGALIDADE

“Avalio como inoportuna, inviável, e ilegal, exceto se por decisão do Superior Tribunal Eleitoral, a sugestão à esquerda de que reivindique ‘eleições, já’. Inoportuna porque lançada em meio ao processo decisório, primeiro, do Senado da República, e depois, se for o caso, do Supremo Tribunal Federal; inviável porque a Câmara, os partidos que votaram de forma truculenta a favor do impedimento de Dilma Rousseff, não irão introduzir tal mudança na Constituição; e ilegal porque se trata de mudança na regra do jogo ao fim do segundo tempo. Perder a bandeira da legalidade é presentear os golpistas com o argumento de que não dispõem e buscam desesperadamente forjar: o de que a presidente Dilma comete crime de responsabilidade, atentando contra a letra da Carta Magna. E sem ele não há justa causa para a violência impeditiva”. (Segunda Opinião, 21/04/2016). COMENTÁRIO: como vimos na apresentação deste Caderno, é grande a dúvida na esquerda sobre que slogan adotar contra o golpista Michel Temer. O risco, de fato, é assumir a bandeira das “diretas, já!” e perder a disputa em uma questão central: a bandeira da legalidade. O apoio desta bandeira junto à população é um fato a ser considerado, mas é preciso ressaltar que a população também apoiava o impeachment de Dilma e nós fomos contra. Daí porque alguns setores colocam como alternativa o plebiscito.

8-A DIREITA NÃO QUER APENAS DERRUBAR DILMA, QUER ANIQUILAR, REDUZIR À INVISIBILIDADE OS NOVOS ATORES SOCIAIS

“A instabilidade estrutural brasileira já é bastante discutida, embora cada um tenha seus aspectos preferidos de ênfase. O que me surpreendeu foi da velocidade com que aquela normalidade operacional da última década se desmanchou”.

(...) “A presidente Dilma tomou posse no dia 1 de janeiro e no dia 3 de janeiro, ou na semana seguinte, o candidato derrotado Aécio Neves denunciava e pedia impedimento e ninguém dava bola. Eu não me recordo de alguém que levava a sério aquele pedido ou que achasse que isso tivesse chances de ser bem sucedida, considerando o número de obstáculos que essa tese teria que vencer. Mesmo a imprensa conservadora, em um primeiro momento não teve coragem de assumir uma postura como essa. Também os partidos que apoiavam a presidente na Câmara, que acabavam de ser eleitos, e conformando a base, a primeira reação não foi aceitar. Ninguém considerou essa hipótese como realista de ocorrer. Acontece que em três meses já estava resolvido. Então, isso me surpreendeu. Me surpreendeu o acúmulo de ressentimento, o acúmulo de rejeições, de contestações somadas dentro da sociedade brasileira, suficientes para, em três meses, transformar essa demanda absolutamente isolada e ressentida do candidato derrotado em uma demanda dentro da sociedade por uma quantidade razoável de pessoas. É preciso não desconsiderar a extensão com que as pessoas não só aceitaram como passaram a reivindicar. Hoje não é mais só moda do Aécio Neves, até porque ele já deixou de ser o comandante desse processo. Isso me surpreendeu: a extensão dessa clivagem, desse acúmulo de receios de todo o tipo (econômico, social), aquilo que se comentava que a classe média estava impaciente e desgostosa com o aparecimento de figuras estranhas nos aeroportos. Isto não era apenas um desconforto. Quando teve a oportunidade de se manifestar, se manifestou como um desejo de aniquilamento. Do ponto de vista de uma grande camada social, o desejo não é só de tirar a presidente, é de aniquilar, reduzir à invisibilidade todos esses novos atores sociais que passaram a estar nos lugares onde não eram vistos. Então, isso é impressionante”. (Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

9-“LULA, O INTÉRPRETE DOS DESSASSISTIDOS, ENTRARÁ PARA A HISTÓRIA; JÁ OS REACIONÁRIOS NÃO TERÃO MEMÓRIA, NÃO TERÃO REGISTRO. SERÃO ABOLIDOS”

“Poucos personagens públicos do Brasil contemporâneo serão homenageados com lápides congratulatórias. Em sua maioria nada têm de si senão a obsessão de sobrepujar o próximo. Aí confraternizam acadêmicos, artistas, esportistas, jornalistas

e, claro, políticos, salvo Lula. Atávica inclinação vampiresca, o canibalismo de caráter não é produto exclusivamente nacional, está globalizado, mas temos produzido inspirados episódios de canalhice. Não lhes faltam aplausos externos. Se o vampirismo é inevitável, o afã construtivo é matéria de escolha e competência – aqui a excepcionalidade de Lula. Ninguém dele dirá que tenha sido angelical. Nem isento de graves pecados. Provavelmente só o próprio conhecerá a extensão de sua vilania. Assim como seus adversários saberão das suas. Mas o que é público e notório está à disposição de todos, não obstante o verbo ressentido das denúncias”. (...) “Na lápide de Lula hão de constar a incorporação dos miseráveis à agenda governamental, o desmascaramento da ideologia da sociedade sem classes e sem raças, o desafio ao complexo de subalternidade das elites tradicionais. Audácia imperdoável. Há de constar que, ferido o indivíduo, empunharam armas os sombrios heróis dos assassinatos sem risco, das infâmias subsidiadas, da valentia do monólogo. Através do indivíduo miram os descalços e esfarrapados, como se o desejado féretro de um abolisse a existência dos outros. Em vão. Nem sucumbirá o homem público nem o soterrarão os carnavais de almas rotas pelo ódio. É simplesmente triste observar a revelação da mesquinharia das assim chamadas pessoas de bem, justiceiros de oportunismo em busca de um naco da reputação do grande líder popular. Lula, o intérprete dos desassistidos, permanecerá intacto, ainda que o comprovem privadamente pérfido. É possível, mas será o homem com CPF, não o vitorioso no duelo com os reacionários. Estes não terão lápide, não terão memória, não terão registro. Serão abolidos”. (Segunda Opinião, 26/07/2016).

COMENTÁRIO 1. CÂNDIDO MENDES É OUTRO INTELLECTUAL QUE ENTENDEU PROFUNDAMENTE O FENÔMENO LULA.

Na crise de 2005/2006, toda a direita previu o fim do governo Lula e, mesmo na esquerda, esta era uma avaliação também quase unânime. Cândido Mendes, um dos fundadores do PSDB, que se aproximou do PT, foi um dos intelectuais que apostou em Lula. Em um texto épico escrito no auge da crise de 2005, ele demarcou com a esquerda e com a direita, com “o situacionismo e oposicionismo tradicionais”; afirmou que as análises de esquerda e direita estavam erradas porque “olhavam o Brasil com os olhos do passado”. Algumas passagens de seu artigo histórico: “O Brasil de salão continua a considerar os vaticínios sobre a opinião pública como seu animal de estimação. Só que não internalizamos a profunda diferença, hoje, de apoio do dito povo ao presidente. Foi todo um novo inconsciente coletivo que chegou ao poder, atarantado até pelo seu êxito, no espetáculo da tomada de

posse no Planalto em 2003”. (...) “Esse sentimento, ao mesmo tempo plêtorico e irreduzível, continua sob o fascínio presidencial e se remunera pela enorme e única carga simbólica da chegada lá. Por mais que o velho moralismo se alevante e volte à água de barreira das comissões de inquérito, um próximo pleito será visto por esse Brasil de fundo como as tentativas de desmonte e de forra do país apeado do poder nas últimas eleições. Tal como essa contabilidade de classes e seus votos das previsões políticas tradicionais não põem a nu todo o peso real de voto para o novo pleito. Isso porque, após o acesso simbólico dos excluídos ao poder, depa-ramos o quanto a consciência desse fato desbarata os jogos do situacionismo e oposicionismo tradicionais”. (...) “Um vetor novo da coisa pública rompe a ronda da representação de interesses só compatíveis com o país oligárquico. A avalanche de Lula - essa que mantém íntegra a sua base e reeleição - nasceu da percepção da vitória diferente e se nutre dessa primeira fruição, independentemente dos resultados do governo”. (...) “Não funciona a lógica das predições da queda da legitimação tradicional, para a do desgarre da base social de um governo, nessas condições tão específicas de acesso de Lula à Presidência. O país de agora não incorporou, ainda, a expectativa e a paciência do voto nascido desse inconsciente coletivo que transborda das representações clássicas ou de suas crises de legitimi-dade. O que lhe importa é a identificação primária com o presidente no Planalto, e que lá está por sua vontade. Sua decepção não é a dos desgostos de ocasião dos velhos donos do poder”. (...) “Não é pela aceitação do papel de vítima que o presi-dente entrará num jogo que não é seu. Sabe onde avança a sua iniciativa histórica. O passo adiante pede, sim, a disciplina férrea de decidir a expectativa do país que com ele entrou no Palácio do Planalto em 2003; que fruiu, então, de uma primeira cidadania vingada; que vai à reeleição, nas suas contas com o presidente e, nesse estrito pacto de esperança, sem o profissionalismo da catástrofe à minuta”. (Folha de S.Paulo, julho de 2005).

COMENTÁRIO 2. LULA REPRESENTA A PRIMEIRA – E TALVEZ ÚNI-CA – SAGA DE NOSSA POPULAÇÃO.

Outra fala interessante de Cândido Mendes sobre Lula: “Enganam-se também os que querem atribuir este sucesso a um carisma do presidente. O impacto de Lula nada tem a ver com uma adesão irracional ou, com a delegação irrestrita de mando a um Messias ou a um enviado, como protagonizou o país, por exemplo, na eleição de Collor. Trata-se de um fenômeno de um inconsciente coletivo que alguns tolos confundem com um irracional. O segredo de Lula está nesse olho no olho da sua gente e na capacidade sempre

de se o reconhecer tal como chegou ao Planalto na primeira grande – e talvez única – saga da nossa população”.

COMENTÁRIO 3. OU A ESQUERDA EXAGERA NA CRÍTICA AO NEOLIBERALISMO OU ENTÃO SUBESTIMA O LEGADO DOS GOVERNOS DO

PT. Já mostramos neste Caderno, nas falas de Wanderley Guilherme dos Santos, que o objetivo da direita é destruir Lula e Dilma e o legado dos governos do PT. Quando determinados setores de esquerda subestimam o nosso legado, estão dando também uma contribuição, pela esquerda, à destruição de Lula e de Dilma. Não tem outra explicação: ou estes setores de esquerda exageram nas críticas ao neoliberalismo ou então subestimam profundamente o legado dos governos do PT. É muito comum que se posicionem contra Lula, por exemplo, e ressaltem os “pequenos avanços” nos seu governo. Chegam a dizer, como o cientista político Aldo Fornazieri, do “reformismo sem reformas do governo Lula”. Como assim?

a) Nossa luta na década de 1990 tinha como um dos eixos o “Fora daqui o FMI”, e Lula fez uma política histórica de redução da vulnerabilidade externa de nossa economia, com a constituição de reservas de US\$ 370 bilhões, ou R\$ 1,4 trilhão (isto não é uma reforma expressiva?); b) Dizemos ainda hoje que a terceirização e fim da CLT é o ultraliberalismo, é voltar para a República velha, mas os governos do PT, mantendo e ampliando os direitos trabalhistas, fizeram o maior processo histórico de formalização da mão de obra no Brasil, com a criação de 20 milhões de novos empregos formais e onde os sindicatos fizeram os melhores acordos salariais em décadas (isto não é expressivo?); c) Wanderley Guilherme, certa vez, brincou que não foi Getúlio e sim Lula o verdadeiro “pai dos pobres”, pois enquanto Getúlio criou direitos para quem tinha carteira assinada (com exclusão dos rurais que eram maioria), Lula fez uma ampla inclusão social para além do mundo do trabalho formal, com grandes programas sociais como o Bolsa Família (isto não é muito expressivo?); d) sempre criticamos a direita pela ausência de um mercado interno de massas no Brasil, e os governos do PT com uma combinação de políticas – como a geração de empregos, o aumento da renda, a expansão do crédito e o controle inflacionário – possibilitaram uma enorme evolução do consumo das famílias durante doze anos (isto não é uma reforma expressiva?); e) sempre denunciávamos a extensa pobreza e extrema pobreza no Brasil e os governos do PT, com programas de inclusão social, com os empregos formais, com o aumento real de 76% do salário mínimo, programa Minha Casa Minha Vida possibilitaram a retirada de 40 milhões da pobreza e a subida para a classe média de 40 milhões de

brasileiros - nova classe média ou nova classe trabalhadora, como outros preferem (isto não é histórico no Brasil?); f) o Brasil vinha de uma tradição de uma política externa extremamente subserviente aos Estados Unidos, e a orientação dos governos petistas foi enorme avanço (será que não dá para ver o quanto avançamos pelos retrocessos atuais?); g) na área dos direitos humanos, mesmo com todas as dificuldades, avançamos muito, seja através do Legislativo e do STF, nos direitos civis e de inclusão das mulheres, dos negros(as), da população LGBT, dos portadores de deficiência, dos idosos, e de outros segmentos sociais (isso também não são avanços expressivos que temos que lutar para manter?); h) todos dizem que é um retrocesso brutal o que querem fazer com a Petrobras, sendo que no governo do PT foi descoberto o pré-sal, aprovado o modelo de partilha, a participação mínima da Petrobras e o componente nacional (isto não é uma reforma expressiva?); i) antes, durante décadas, os pobres das periferias das grandes cidades, do Norte e do Nordeste viviam uma vida de resignação: "Vivemos assim na miséria e no esquecimento, porque Deus quer". Lula retirou os pobres da resignação em que viviam e transformou "a maioria social em maioria política", na expressão do historiador Luiz Felipe de Alencastro, ao liderar quatro vitórias da esquerda em 2002, 2006, 2010, e 2014 (isto não é um avanço extraordinário e o que mais incomoda a direita?). Tarso Genro disse no ato de fundação da Frente Brasil Popular, em Belo Horizonte, que "nosso projeto está esgotado, não porque deu errado, mas porque deu certo no quadro histórico em que vivíamos de grande valorização das commodities brasileiras". Reconhecer estes avanços é uma condição para defendê-los no próximo período.

COMENTÁRIO 4. A DIALÉTICA INFERNAL DA ESQUERDA: REPRESENTAR OS ANSEIOS DA SOCIEDADE E SUAS REIVINDICAÇÕES E GERIR O ESTADO COM TODAS AS LIMITAÇÕES POLÍTICAS E FINANCEIRAS. Muitos segmentos da esquerda têm falado que a "fórmula de pacificação social de Lula" não funciona mais, que não deve nunca mais ser repetida, etc. É evidente que a estratégia de enfrentamento permanente tem bons argumentos, dentre eles a de acelerar as transformações sociais. Mas esta fórmula também não está imune a severas derrotas, não é garantia de estabilidade e de um mundo sem sacrifícios. Em nossa opinião, o desafio histórico continua o mesmo de sempre: o de compatibilizar a dialética infernal, na expressão de um amigo nosso, de representar, de baixo para cima, os anseios e enormes expectativas de transformações sociais da sociedade com as enormes limitações políticas e financeiras na gestão

dos governos. No Brasil, o PT participa de governos de coalizão nos três níveis, já que isoladamente não alcança nem 20% dos votos nas Câmaras Municipais, Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional. O grande erro do PT foi o distanciamento dos movimentos sociais e o caráter “chapa branca” que muitos destes movimentos assumiram. Ora, se os governos são de coalizão, forças sociais mais conservadoras o empurrarão para a direita, e, neste sentido, é fundamental que os movimentos sociais tenham uma autonomia perante o governo petista para forçar transformações sociais mais profundas, para empurrar os nossos governos mais para a esquerda e para que estejam mais articulados para enfrentarem os retrocessos como no golpe que temos atualmente. Consideramos uma grande conquista, no último ano, a maior autonomia dos movimentos sociais em relação aos governos do PT e dos partidos aliados. Sem isso não teríamos a resistência que estamos tendo, e, se dependesse somente do PT, teríamos uma reação ao golpe inexpressiva. Coerente com esta análise, a deputada Marília Campos participou desde o início da construção da Frente Brasil Popular. E consideramos também que neste momento histórico não existe, de fato, espaço político para saídas pactuadas, já que o governo provisório de Temer é ilegítimo e aplica um programa ultraliberal, e precisa ser derrotado.

10-O MONOPÓLIO DA COMUNICAÇÃO EXERCIDO PELO SISTEMA GLOBO É INCOMPATÍVEL COM A DEMOCRACIA

“Bem, o que é fato real no Brasil é que, além de um número reduzidíssimo de meios de comunicação, mesmo esse número pequeno é simplesmente fictício. Na verdade, o que se tem é o monopólio da comunicação no sistema Globo, através de televisão, jornais, revistas, rádio, e com suas associadas no país inteiro. Na verdade, é um monopólio prático. Folha de São Paulo, Estadão, sem televisão não fedem nem cheiram. Se o Jornal Nacional não der cobertura ao que a Folha diz, não vale nada o que a Folha diz. Conseqüentemente, nós temos um monopólio prático. Isso que nós estamos vivendo é porque a democracia é incompatível com um monopólio prático dos meios de comunicação. Os procedimentos democráticos estão sempre à mercê e absolutamente vulneráveis a esse monopólio de comunicação. Isso é um absurdo!” (Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

COMENTÁRIO. O blogueiro Paulo Nogueira, do Diário do Centro do Mundo, tendo sido da grande imprensa, descreve com perfeição como será o Brasil na grande mídia agora no governo do golpista Michel Temer: “A partir de hoje você vai ver um Brasil paradisíaco na mídia. Um país alegre, risonho, próspero, florescente. E imaculado, livre de toda corrupção. É a etapa final do trabalho sujo, e tragicamente bem sucedido, realizado pelas grandes companhias jornalísticas para derrubar Dilma e a democracia. Os donos escolhem cuidadosamente o que dar e o que não dar em seus jornais, revistas, rádios, telejornais. E isso é claramente transmitido para editores, comentaristas, colunistas. Desde que o PT ascendeu ao poder, em 2003, a escolha foi clara. Publicar, com imenso destaque, apenas coisas ruins. Inventar e amplificar, se for o caso. E esconder, ignorar boas notícias. Casos de corrupção, apenas quando se trata dos alvos. Os barões da imprensa sabem como este tema – a corrupção – comove a classe média. Torna-a perfeita para ser manipulada, manobrada e, paradoxalmente, corrompida, cheia de ódio e preconceitos. A segunda parte, consumado o golpe, é tão óbvia e suja como a primeira. Você transforma o inferno artificial num paraíso ainda mais artificial. O general Medici, um dos presidentes da ditadura militar, definiu isso magistralmente, num rasgo de sinceridade desconcertante. O mundo estava em chamas. O Brasil, mais ainda. Mas, notou Medici, você ligava no Jornal Nacional e um universo mágico se abria diante de seus olhos. Só havia coisas boas para noticiar. Éramos felizes, extremamente felizes. De mentirinha. É o que vai ocorrer outra vez agora. Os mesmos apresentadores da Globo que se esmeraram tanto em caretas nos últimos anos, como William Waack, agora serão só sorrisos. Mas haverá, em 2016, uma diferença em relação às vezes anteriores. Em 1954 e em 1964, não havia internet. A voz única e avassaladora era a da imprensa plutocrática. Agora, nos sites independentes você encontrará a informação de verdade. Com o crescimento da internet, mais e mais pessoas se livrarão da tirania da imprensa oligárquica e primitiva com seus meios anacrônicos como jornais e revistas impressos. Há, portanto, esperança. Um sábio do passado, diante de uma batalha ganha pelas forças do mal, proferiu uma frase que se mostrou profética e eternizou. ‘O vencedor está perdido’. O mesmo vale agora. O golpe afinal venceu. Mas o vencedor está perdido”. (Diário do Centro do Mundo, 12/05/2016).

11-POR QUE O IMPEACHMENT DE DILMA É UM GOLPE? A FIGURA CONSTITUCIONAL EXISTE, O REQUISITO QUE A JUSTIFICARIA, NÃO!

“Nenhum crítico aos movimentos golpistas rejeita a tese de que a figura do impedimento presidencial faz parte da Constituição de 88. A crítica sublinha uma e outra vez a continuada inexistência de fatos comprobatórios de crime de responsabilidade cometido pela presidente Dilma Rousseff. A figura constitucional existe, o requisito que a justificaria, não. A declaração de que o impedimento presidencial consta da Carta é um truísmo inoportuno, eis que ninguém o nega. O que, sim, se jura é que o processo em curso, bem como os pedidos submetidos ao Supremo Tribunal Federal nesse sentido são, todos, ineptos por não atenderem ao que exige a Constituição de 88. Houve constitucionista a dizer que a indicação do ex-presidente Lula da Silva para ocupar posto ministerial comprova crime de responsabilidade. Tais constitucionistas não são ignorantes, sabem que o ex-presidente Lula da Silva ainda goza de todos os direitos civis e políticos e que é prerrogativa intransferível da presidente da República nomear os ministros de seu governo. Eles não são ignorantes, são golpistas. Não é a figura do impedimento que está sendo rejeitada por críticos do golpe, são os patrocinadores deste que pretendem abolir capítulos cruciais da Carta de 88. Depois do impedimento sem crime de uma presidente da República, confirmando-se de que dele não existem provas razoavelmente convincentes, que segurança pode ter a população brasileira do respeito a seus direitos?” (Segunda Opinião, 28/03/2016).

12-A VINGANÇA CONSERVADORA PROMETE COBRAR ENORME PREÇO DE QUEM A IGNOROU

“É verdadeira a tese de que parte considerável da sociedade brasileira e das autoridades de que depende a integridade democrática tem se mostrado conivente com medidas de duvidoso fundamento jurídico, buscando apaziguar as bestas, tal como os primeiros ministros europeus diante do nazismo e fascismo ascendentes. As redes sociais festejam a próxima caça às bruxas do meio artístico, intelectual,

sindical e de profissionais liberais, sem que sejam denunciadas e punidas, sim, punidas, porque convidam à violência e à destruição. Não é recente a revelação das sementes fascistas de parte da opinião pública brasileira. O fenômeno é consubstancial às sociedades capitalistas, e só contido por condições econômicas favoráveis e instituições democráticas vigilantes. À intolerância do irracionalismo sucumbem todos os países, se a oportunidade se lhe oferece, como o provam os péssimos espetáculos contemporâneos das civilizadas sociedades nórdicas, pós-crise de 2008". (...) "A dignidade conquistada pelos pobres e miseráveis, negros, mulheres e minorias discriminadas, não seria esquecida pelo reacionarismo nacional, cultivador de ressentimento e ódio, semeador de ameaças, à espreita da primeira ocasião para vingança. Ela veio de contrabando em investigação pertinente e fundamentada, substituindo personagens e acrescentando ao contingente de comprovados vilões os responsáveis políticos pelo combate à miséria e à discriminação. A sanha vingativa repudia a legalidade e dispensa os ritos jurídicos, certa do silêncio cúmplice dos liberais brasileiros. Estes, outra vez, consomem a ilusão de que não é com eles. Pois a eles chegarão todos os excessos cometidos em nome da purificação política. A vingança conservadora promete cobrar enorme preço pela ousadia de quem a ignorou. Prometem fogo e prometem sangue. Os liberais serão corresponsáveis pela insanidade coletiva, programada pelo grupo de arruaceiros judiciários e inflamada pela imprensa totalitária". (Entrevista ao blog O Cafezinho, 06/05/2016).

13-WANDERLEY GUILHERME É UM CRÍTICO DA REFORMA POLÍTICA: "CÓDIGOS ELEITORAIS NÃO FILTRAM CARÁTER". ELE SEMPRE DEFENDEU MUDANÇAS MAIS PONTUAIS

"A partir da eleição de Lula a esquerda vem cometendo erros, de diagnóstico e perspectiva. Assim que foi aprovada a Constituição de 1988, os conservadores começaram a combatê-la com a bandeira do parlamentarismo e voto distrital. Por trás do trabalho de desmoralização, havia não apenas a concepção de regresso dos conservadores, como também o preconceito contra a política e a má qualidade da representação. Veio daí o discurso da reforma como se os códigos eleitorais filtrassem caráter. Esse sentimento antipolítico que desde sempre é da classe média

conservadora foi absorvido pelo PT no seu nascedouro". (...) "Essa concepção de que há alguma coisa errada na política que tem que ser resolvida por uma reforma foi alardeada pelo PT sobretudo depois da ação penal 470. Como escapismo. Incorreu no erro ao cubo de defender uma assembleia constituinte exclusiva. De onde é que eles imaginam que viriam os eleitores e os candidatos dessa constituinte? Vão buscar eleitores na Suécia e constituintes na Islândia? Essa bandeira acabou entrando na cultura política do país. De tal modo que tanto nas passeatas do dia 13 quanto naquelas do dia 15 (de 2015) todos se diziam favoráveis a uma reforma política sem fazer ideia do que significa. Isso intoxicou a opinião do público educado com a ideia falaciosa e ilusionista de que os problemas existentes no país são consequência automática das instituições políticas. Isso é falso e fraudulento. Leva as pessoas a não terem mais respeito nem se sentirem mais responsáveis pelas estruturas existentes". (Entrevista ao Valor Econômico, 30/03/2015). Defendemos a reforma política, mas consideramos perturbadora a fala do velho professor de que "os códigos eleitorais não filtram caráter".

COMENTÁRIO 1. DESPRIVATIZAÇÃO E REDUÇÃO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA POLÍTICA NO BRASIL.

O ex-ministro Mangabeira Unger, atualmente no PDT, é um crítico dos cargos comissionados, que junto com o financiamento empresarial das campanhas, ele afirma serem duas das causas da corrupção no Brasil. Ele afirma: "A política continua na sombra corruptora do dinheiro. Dinheiro não deve poder comprar político e governante. O financiamento privado das eleições é a primeira causa, direta ou indireta, de corrupção na política brasileira. A segunda causa é a ocupação do Estado por gente nomeada pelos governantes". (...) Uma primeira tarefa fundamental da esquerda é consolidar o fim do financiamento empresarial das campanhas eleitorais, contra aqueles que defendem o retorno do modelo anterior. Outra tarefa fundamental é reduzir drasticamente a profissionalização da política no Brasil. Dados do Mandato Marília Campos indicam: temos em nosso país 2,5 milhões de servidores sem concursos, sendo 692 mil de cargos comissionados e 1,793 milhão de cargos temporários, sem concursos públicos. Lula disse há algum tempo atrás que "os petistas só pensam em cargos" e que o "PT se tornou um partido igual aos outros". Lula acertou no diagnóstico, mas faltou-lhe indicar o caminho. Não existe vácuo na política. Se os cargos de nomeação política continuarem existindo aos milhares, eles continuarão sendo preenchidos pelos partidos, inclusive pelo PT. Portanto, o caminho não pode ser outro senão a defesa de uma legislação profundamente restritiva às

nomeações políticas, que devem ficar restritas a poucos cargos e um rigor com os chamados cargos temporários. Vale ressaltar que o financiamento de campanhas e a prática ampla de servidores nomeados vão inter cruzar nas próximas eleições municipais. Sem a tradição de doações individuais, é bem provável que os servidores de indicação política, sendo que 1,750 milhão deles estão nos municípios, se transformem na principal fonte de receita das campanhas eleitorais, desvirtuando ainda mais as nomeações políticas. (...) A doutrina social da Igreja Católica, considera a “política como uma forma de caridade”, porque voltada para o bem comum. Daí porque, um aspecto fundamental da reforma política é uma redução radical na profissionalização da política: redução ao mínimo dos servidores sem concursos; remuneração somente para cargos parlamentares com “jornada cheia” e fixação de uma ajuda de custo para vereadores de pequenos municípios; fim dos planos de aposentadoria privilegiados para os parlamentares; fim dos privilégios como o auxílio-moradia para quem mora em residência própria e das diárias sem necessidade; dentre outras medidas.

COMENTÁRIO 2. RENATO JANINE RIBEIRO: “ALGO NOS CORROMPE: A INJUSTIÇA SOCIAL”.

Em um artigo histórico escrito em 2006, publicado no jornal Folha de S.Paulo, o filósofo Renato Janine Ribeiro, afirmou sobre a prática da corrupção: “Quero colocar alguns pontos de princípio, sem os quais o debate sobre a corrupção fica pobre - porque um autêntico debate sobre a corrupção nunca trata apenas da corrupção”.(...) Algo nos corrompe: a injustiça social. A corrupção não é apenas o furto de um bem. Não podemos reduzir a corrupção a uma visão superficial que a considera análoga ao furto ou ao roubo (veja-se o insulto tão comum, ‘político ladrão’). Ela é pior que isso. Vai na jugular do bem comum. Faz troça da coisa pública, da res pública. Arruína os costumes. Prestigia condutas que fazem mal ao outro”.(...) “Se em nossa sociedade a miséria coexiste com o luxo, a Daslu com a favela, isso não cria em nós uma indiferença olímpica ao sofrimento alheio? Recuamos para antes de Rousseau, que, 250 anos atrás, ‘inventou’ a compaixão, isto é, a capacidade de alguém sentir a dor que afeta seu semelhante”.(...) “Ora, boa parte da iniciação na vida de nossas classes médias e ricas consiste em aprender como não ser tocado pela miséria ambiente. Todos os mendigos são atores. Todos os miseráveis são preguiçosos. Todos bebem. E por isso nada temos a ver com sua condição inumana”. (...) “Minha tese é que a insensibilidade ao sofrimento dos mais pobres, laboriosamente construída ao longo de cinco séculos, é o caldo de cultura para a corrupção. O desdém pela pobreza nos torna uma sociedade vicia-

da. Como valores éticos poderão vicejar nesse terreno?“(...) “Daí que só o combate frontal à injustiça social poderá enfrentar a corrupção. Tudo o mais serão meras palavras, muitas delas ingênuas, algumas hipócritas”.

COMENTÁRIO 3. UM RELATO SOBRE A IGUALDADE SOCIAL NA

SUÉCIA. Para se ter uma ideia da desigualdade social no Brasil, basta comparar nossos país com países capitalistas europeus. Realizamos a seguir dois relatos impressionantes. Veja o caso da Suécia, nas palavras do primeiro-ministro Fredrik Reinfeldt. Perguntado se a vida dos políticos suecos, sem luxo nem privilégios, obedece a algum tipo de código de conduta moral, ele afirmou: “Eu diria que sim. A Suécia é um país onde não existe o alto grau de desigualdade social que se vê em outros lugares, e este é um aspecto que valorizamos enormemente em nossa sociedade. Por esta razão, buscamos líderes políticos dos quais se possa dizer que são ‘um de nós’, e não ‘acima de nós’. Este é um ponto básico do pensamento social sueco, que a mim também agrada. Quero ser um indivíduo entre outros indivíduos, e não alguém tratado como uma pessoa extraordinária. O senso de igualdade entre as pessoas se reflete na alma sueca, no sentimento sueco de identidade nacional, e naquilo que desejamos que a Suécia seja como nação. Eu seria duramente criticado, assim como qualquer outro político, se houvesse a percepção de que vivo uma vida de luxo, inteiramente diferente da vida dos cidadãos comuns.”(...) “A democracia tem raízes profundas na Suécia. Os políticos compreendem que não estão aqui para se tornarem ricos ou enriquecer suas famílias, nem para criar condições de vida favoráveis para alguns. Estou aqui para realizar reformas e fazer deste um país melhor, de tal maneira que as pessoas digam ‘ele está me ouvindo, está resolvendo meus problemas’. Do contrário, os eleitores darão seu voto a outra pessoa. Não vejo isso como um problema. Também acho bom poder continuar a cuidar das coisas cotidianas que costumava fazer antes de ocupar o posto de primeiro-ministro. A diferença é que hoje em dia tenho, é claro, um aparato de segurança em torno de mim. Mas continuo a cuidar da rotina das atividades pessoais do dia a dia, como qualquer cidadão”. Dentre as rotinas pessoais que o primeiro ministro cuida estão: lavar e passar as próprias roupas; cozinhar para ele e para os três filhos; limpeza da própria casa; fazer as compras, etc. Quem lê uma entrevista dessas nem imagina que Fredrik Reinfeldt não é de esquerda, é do Partido Conservador, que foi derrotado nas últimas eleições pelo partido social democrata. É constrangedor para nós, da esquerda brasileira, ler um depoimento destes e se sentir à direita da direita europeia na questão crucial da igualdade.

(Diário do Centro do Mundo, 23/06/2014).

COMENTÁRIO 4. UM RELATO SOBRE A IGUALDADE SOCIAL NA

ALEMANHA. Outro relato é da brasileira Lúgia Fascioni, que vive em Berlim. Seu depoimento: "A maioria das pessoas que conheço que vêm a Berlin pela primeira vez ficam encantadas com 3 coisas: a espantosa quantidade de área verde; o excelente transporte público; e a segurança. E quase automaticamente, vem a pergunta: dá para ganhar bem trabalhando aqui? Berlin não é um parâmetro muito válido porque é considerada uma cidade pobre para os padrões alemães, uma vez que aqui é a sede administrativa do país e não possui muitas indústrias. Mesmo assim, dá para dizer uma coisa que vale para o país todo e que talvez deixe muita gente aí no Brasil chocado: a diferença entre o salário de um operário (ou caixa de supermercado) e de um diretor de empresa é, no máximo, 5 vezes. Isso inclui funcionários públicos de alto escalão, professores universitários doutores, juízes e médicos". (...) "Então, imagine: é como se no Brasil, o rendimento máximo bruto de qualquer pessoa que vive de salário fosse R\$ 5 ou 6 mil reais. Disso, quase 40% ficam retidos para os impostos, aposentadoria e plano de saúde obrigatório. Pois é, não sobra muito. Por isso é que aqui a gente não vê um funcionário público, seja ele quem for, se achando o Sr. Rei da Cocada Preta. Os alemães não têm muita sobra no orçamento, como se pode ver; mas adoram viajar e ler". (...) "Então, lavam e passam a própria roupa, fazem a própria comida e limpam a própria casa. Aqui não tem pet shop para dar banho em cachorros; os próprios donos se encarregam disso. A maior parte das pessoas compra seus móveis na IKEA e aluga um carro ou reboque para levar a encomenda para casa. Para montar uma cozinha inteira, por exemplo, é só ler o manual de instruções; tem que botar a mão na massa mesmo. Os professores da minha escola são altamente qualificados (a escola é uma das que melhor paga); pois todos levam marmitta e ninguém acha feio. Andam o máximo que podem de bicicleta e, no inverno, de transporte público. Os que têm carro usam modelos menores. Os prédios não têm porteiro e uma vez por semana vem uma empresa terceirizada varrer as escadas. Quando chega uma encomenda e não estou em casa, sempre tem um bilhetezinho na caixa do correio avisando com qual vizinho está o pacote". (...) "É claro que tem gente rica também (geralmente donos de grandes negócios). Mas eles jamais destratam serviços, simplesmente porque aqui não há subcategorias menores, como no Brasil. As pessoas ricas também metem a mão na massa, por uma questão de filosofia mesmo". (Blog Lúgia Fascioni, 24/09/2012).

COMENTÁRIO 5. NÓS, BRASILEIROS, NÃO TEMOS UMA CULTURA IGUALITARISTA NEM BASES SOCIAIS PARA UM PROJETO CENTRADO NA IGUALDADE SOCIAL. Todos já ouvimos falar que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. Não temos no país sequer estatísticas sobre a desigualdade social. Foi por falta de fontes que o francês Thomas Piketty excluiu o Brasil do livro “O capital do século XXI”. Relatos como o que publicamos anteriormente são impressionantes, o que comprova a persistência entre nós ainda de uma cultura escravista. Na Europa e nos Estados Unidos a diferença entre o salário médio dos países e a remuneração das categorias mais valorizadas – médicos, advogados, engenheiros, servidores públicos mais valorizados – não passa de duas a quatro vezes. Veja o exemplo dos Estados Unidos, pátria do liberalismo: lá o salário médio da população é de US\$ 3.274,00 por mês e as categorias mais valorizadas recebem de US\$ 13.000,00 a US\$15.000,00 por mês. Como no Brasil, o salário médio do trabalhador é de R\$ 2.000,00, se tivesse o mesmo padrão distributivo dos países capitalistas centrais, os maiores salários não seriam superiores a R\$ 4.000,00 a R\$ 8.000,00. Valores como esses são considerados “merrecas” por profissionais mais qualificados dos setores privado e público no Brasil. Não prospera no Brasil qualquer debate sobre a tributação indireta, que sacrifica os mais pobres em detrimento da menor tributação direta sobre a renda e o patrimônio. Temos a maior taxa de juros do planeta e estamos gastando mais de R\$ 500 bilhões por ano de juros da dívida, mesmo na maior recessão da história brasileira. Este é o desafio do PT. Se não incorporar uma cultura igualitarista, como seu princípio ético, o partido vai até continuar, mas incorporará um reformismo de baixa intensidade, que não irá se diferenciar muito dos partidos tradicionais de centro em termos programáticos nem se afastará das tentações de adesão à corrupção. Nem mesmo nos partidos à esquerda do PT, como PSOL e PSTU, temos uma cultura igualitarista, já que as bases sociais destes dois partidos, em que pese os discursos revolucionários, está nas camadas superiores da classe média, especialmente nos serviços públicos, muito refratárias a qualquer mudança social mais profunda no Brasil.

COMENTÁRIO 6. FAZER A REFORMA POLÍTICA NO PAÍS E NO PT. Devemos dar ouvidos ao professor Wanderley Guilherme dos Santos. É preciso ver a oportunidade da reforma política, de tal forma que a Emenda não saia pior que o soneto, com a introdução do voto distrital; do parlamentarismo, do chamado “Distritão”, etc. Diz ele também que “os códigos eleitorais não filtram caráter”, o que coloca a necessidade de lutarmos pela consolidação do fim do finan-

ciamento empresarial da política, mas entendendo que só uma cultura igualitarista dará um combate à corrupção. Os pontos da reforma política que defendemos são em geral os seguintes: votação em listas partidárias para politizar a representação proporcional; fim das coligações proporcionais e cláusula de barreira. Destes três pontos, dois são complicados. É difícil colocar cláusula de barreira para retirar do jogo político uma grande quantidade de partidos de aluguel e fisiológicos, sem prejudicar os partidos pequenos de caráter ideológico, como o PSOL e PSTU. A votação em listas não contam com o apoio nem no Congresso Nacional nem na população que está muito desgastada com os partidos; uma hipótese neste caso é fazer as eleições proporcionais em dois turnos, como propõe alguns segmentos populares: no primeiro turno, o eleitor indica o partido de sua preferência e, no segundo turno, escolhe o nome de sua preferência na lista partidária. Somente o fim das coligações proporcionais tem uma maior chance de aprovação no Congresso Nacional. (...) Nosso Partido, o PT, tem muitas coisas interessantes do ponto de vista democrático: tem direito de tendência internas sem prejudicar a unidade de ação; participação proporcional nas direções, etc. Mas nosso partido tem algumas coisas deploráveis, que são vedadas até mesmo para as eleições gerais no país. Por exemplo: de uma forma mais ou menos intensa, realizamos filiações em massa, nos PEDs filiados são transportados, acertos financeiros são feitos coletivamente. Na legislação geral do país, isso seria considerado “compra de votos”. Como liderar uma reforma política no Brasil, se o PT não faz nem o “dever de casa”? O PT precisa fazer uma reforma política interna: filiar somente simpatizantes do partido e não pessoas aleatoriamente; proibir o acerto de contribuições de forma coletiva e o transporte de eleitores nos PEDs; realização de reuniões e plenárias de base regularmente, de forma centralizada e nas regiões; investimento na formação política e na comunicação; reaproximar dos movimentos sociais e da juventude, enquanto partido, e não através de suas correntes internas como é atualmente (ou seja, as tendências atualmente atuam nos movimentos sociais sem a mediação partidária); reformulação das direções partidárias, com a participação de suas principais lideranças, que tem representatividade para dirigir o partido e defende-lo na sociedade; discussão de um novo programa para o Brasil, etc. Não temos mais idade, tempo e paciência para disputar internamente os princípios básicos fundantes do PT. Onde o Partido continuar sendo uma máquina burocrática e/ou uma sublegenda de outros partidos, como em Contagem/MG, devemos continuar no partido mas abrir uma dissidência interna, não reconhecendo a direção existente.

**14-10/07/2015. WANDERLEY GUILHERME
ALERTOU PARA O GOLPE POLÍTICO-
PARLAMENTAR E INDICOU QUE O
PMDB DARIA O GOLPE**

“Golpes parlamentares ou do judiciário são possíveis, sim. Nem sempre promovidos pelos que deles fazem propaganda. Em 64 foi preciso uma ‘vaca fardada’ se mover sem saber direito aonde ia e os oportunistas lhe deram o sentido que desejavam: contra a Constituição e a ordem legal. A começar pela declaração do Senado de vacância da Presidência com o presidente João Goulart ainda em território nacional, senha de que o Partido Social Democrata, centro-conservador, aderira ao esbulho. O resto foi um jogo de dominó”. (...) “Hoje, como então, os ressentidos crônicos, sob a liderança do PSDB, não dispõem do apoio firme de organizações responsáveis nem de mobilização voluntária de grandes segmentos sociais. Mais importante de tudo: é patente que o PSDB deixou de ser uma sigla respeitável, adquirindo a reputação de aventureira ao se submeter ao radicalismo institucional do senador Aécio Neves em busca de hegemonia interna contra o governador de São Paulo, Geraldo Alkmin, e o senador José Serra. O descalabro verbal e o desequilíbrio de julgamento do senador reduz a confiança na capacidade tucana de manter a serenidade exigida no comando da República. O PSDB é impotente para violar as regras atuais da política”. (...) “Até bem pouco, o PMDB nada lucraria com manobras instalando o PSDB no poder, sobretudo se em decorrência de movimentos ideologicamente moralizantes, autorizado a arbitrariedades e vinganças. Do cálculo de custos e benefícios do PMDB serão ou não alimentadas a direção e a força das arremetidas tucanas. Partido singular, do qual todos os governantes dependem e de que todos buscam aparentar distância. Os puristas resistem a aceitar a dinâmica política brasileira em sua carne viva e agem como se não existissem alguns dos principais agentes desse processo. Poucos se dão conta do especial papel que o acaso institucional lhe reservou: sem o PMDB o PSDB golpista não é nada. Por isso a tentativa de se aproximar dele está sendo o lance mais inteligente do golpismo tucano, à margem da histeria dos líderes de panelaços. Há um PMDB, ainda minoritário, que o aguarda de braços abertos, eis o potencial explosivo de curto prazo”. (...) “Dizem que o mandato de Dilma Rousseff pode sucumbir por petardos do Tribunal de Contas, da Polícia Federal ou do Tribunal Superior Eleitoral. Muito duvidoso, sem a adesão, outra vez, do PMDB. Mas a democracia brasileira não estará

segura ainda que Dilma Rousseff supere as pesquisas altamente desfavoráveis do momento. Para mim, a esfinge é uma dúvida: o Supremo Tribunal Federal engolirá outra vitória petista em 2018?” (Segunda Opinião, 20/07/2015).

15-FOI UM CHOQUE POLÍTICO A RUPTURA DE DILMA COM SUA BASE SOCIAL E COM SEUS COMPROMISSOS DE CAMPANHA. COM ISSO, A PRESIDENTA PERDEU A CAPACIDADE DE LIDERAR

“A esquerda está sem liderança. Não se pode deixar de reconhecer a surpresa que foi o início de governo. Uma completa mudança do que foi dito até o último comício. Foi um choque. Acho que a presidente não tem mais liderança. Houve uma ruptura muito grande entre a base social da esquerda e sua liderança. Ruptura essa que tenho dúvidas de que consiga recuperar. Não adianta o que a presidente faça que a direita não vai ficar quieta. Gostou do jogo, como se diz no futebol”. (Entrevista ao Valor Econômico, 30/03/2015).

COMENTÁRIO 1. PROFESSOR DE DILMA PREVIU RECESSÃO DRAMÁTICA. No dia 03 de maio de 2015, João Manuel Cardoso de Melo, ex-professor de Dilma Rousseff, criticou duramente a política econômica de sua ex-aluna coordenada pelo ministro Levy, que levaria a uma recessão dramática: “Isso entra na cabeça de alguém? Ele dá um choque de câmbio, um choque de custos, faz corte de gastos. Vai produzir uma recessão brutal. Está produzindo. Está tudo parado. Há preocupação com a perda do grau de investimento. E daí? É uma chantagem do mercado financeiro dos bancos, que dizem que precisa fazer um ajuste. Algum ajuste precisava fazer, mas não nessa violência. O governo cedeu à chantagem do mercado financeiro com a ameaça da perda o grau de investimento”. (...) “As demissões ainda não começaram porque existem os acordos coletivos. Em maio e junho vai começar a demissão em massa. O desemprego vai para 10%, 12% este ano [está em 7,4%]. E vai rápido. A alta dos juros está paralisando a construção civil residencial. Não tem investimento em construção pesada, está se desmontando a cadeia de óleo e gás, a indústria continua encolhendo. Isso vai pegando os serviços. A manicure vai quebrar. Aqui perto tem uma rua de restaurantes. Só ali, três quebraram nos últimos 20 dias. De onde vem a recuperação? Não sei de onde.

Das concessões? Os filés aeroportos, estradas já foram feitos. Sobrou a carne de pescoço. Vão colocar dinheiro a 30 anos?". (...) "Defendo um ajuste mais moderado. Não precisa fazer uma barbaridade dessas. Isso vai jogar o negócio a -3% este ano. A popularidade vai cair ainda mais, vai chegar a 7% de aprovação". (Folha de S.Paulo, 03/05/2015). No início do mês de maio, o governo e o mercado financeiro previam uma recessão suave próxima de -1,0%. Passados alguns meses, confirmou-se o pior cenário traçado pelo professor de Dilma: a recessão ficou acima de -3,0% e a popularidade de Dilma baixou para um dígito.

COMENTÁRIO 2. BRENO ALTMAN PRATICAMENTE PREVIU O FIM DO GOVERNO DILMA EM AGOSTO DE 2015. Do blogueiro Breno Altman, do site Opera Mundi: "Um governo que perde laços de identidade com as classes e agrupamentos que lhe deram origem, passando a depender de deslocamentos no campo adversário para sobreviver, está condenado à paralisia e ao esvaziamento. Sua queda ou continuidade passam a estar condicionadas principalmente por interesses de inimigos e aliados, pois dificilmente conta com forças próprias para decidir a seu favor ou influenciar de forma determinante qualquer disputa. O desespero pela sobrevivência, a mais perversa armadilha das relações políticas, costuma deslocar o eixo gravitacional das vítimas dessa síndrome para programas pertencentes a blocos político-ideológicos que lhes são estranhos ou antípodas. Sem agenda própria ou capacidade de iniciativa, administrações atoladas nesta situação podem sobreviver por certo tempo, mas geralmente acabam consumidas por decisões erráticas, recuos desordenados e hesitações incuráveis. Esta foi a sina de Gorbachev na Rússia, ainda que outras alternativas fossem possíveis. Com todas as ressalvas, talvez tenha serventia, no cenário brasileiro, refletir sobre a derradeira experiência soviética. No mínimo, para ajudar a entender os riscos que se corre quando um governo eventualmente abre mão ou não é mais capaz de exercer na plenitude sua função soberana sobre a política, a economia e a sociedade". (Opera Mundi, 19/08/2015).

AUTORIA: José Prata Araújo, economista mineiro, colaborador voluntário do Mandato Marília Campos, fez a seleção de textos e os comentários.

Gabinete da Deputada Estadual Marília Campos

Assembleia Legislativa de Minas Gerais: Rua Rodrigues Caldas, 30, sala 213,
Santo Agostinho, CEP 30190-921, Belo Horizonte, MG - Telefone: 31 2108-5445

Gabinete de Contagem: Avenida José Faria da Rocha, 3.171, sala 301,
CEP 32310-210, Contagem, MG - Telefone: 31 2557-7679

E-mail: dep.marilia.campos@almg.gov.br

Marília  **Campos**
Deputada Estadual